

# MATERNIDADE E VIDA ACADÊMICA: TEMAS E FIGURAS NO DISCURSO SOBRE FORMAÇÃO DE ACADÊMICAS DA ÁREA DE LETRAS

*MOTHERHOOD AND ACADEMIC LIFE: THEMES AND FIGURES IN  
THE SPEECH ON THE UNIVERSITY EDUCATION OF ACADEMICS  
IN THE FIELD OF LANGUAGE AND LITERATURE*

**Naiane Vieira dos REIS**

IFMA/Campus de São Luís – Monte Castelo

[naiane.vieira@uft.edu.br](mailto:naiane.vieira@uft.edu.br)

**Resumo:** Este trabalho analisa o discurso sobre formação acadêmica e maternidade de estudantes da área de Letras de uma universidade pública federal do Norte brasileiro. Para tanto, mobiliza categorias de análise da teoria semiótica tensiva, mais precisamente a semântica no nível discursivo, para analisar temas e figuras que emergem nas narrativas das mulheres sobre o sentido da formação profissional. Além disso, ancorando-se nos debates interseccionais sobre mulher, classe e raça, discute os diversos fatores que impactam na participação feminina no chamado espaço público. As mulheres, na diversidade de seu arranjo familiar, estão incluídas nos espaços formativos, embora ainda experienciem situações de exclusão. Em seus discursos, os temas da dificuldade e da resistência são recorrentes, apontando para percursos de escolarização mais desafiadores para estudantes que vivenciam a maternidade, o trabalho e a formação profissional.

**Palavras-chave:** Semiótica discursiva; Temas e figuras; Formação profissional; Maternidade.

**Abstract:** This work analyzes the discourse on academic education and motherhood of students in the area of Language and Literature at a federal public university in Northern Brazil. For that, it mobilizes analysis categories of tensive semiotic theory, more precisely the semantics at the discursive level, to analyze themes and figures that emerge in women's narratives about the meaning of University education. Furthermore, anchored in intersectional debates about women, class and race, it discusses the various factors that impact female participation in the so-called public space. Women, in the diversity of their family arrangement, are included in learning spaces, although they still experience situations of exclusion. In their speeches, the themes of difficulty and resistance are recurrent, pointing to more challenging educational pathways for students who experience motherhood, work and university education simultaneously.

**Keywords:** Discursive semiotics; Themes and figures; Professional qualification; Motherhood.

## 1. Introdução

Neste artigo, discutimos os sentidos da formação profissional para as estudantes-mães-trabalhadoras, considerando a sua inserção numa instituição pública de ensino superior. Para tanto, focalizamos nos discursos dessas mulheres o modo como tematizam e/ou figurativizam a educação, tendo em vista os elementos de classe, raça, diferenças sexuais sócio-historicamente construídas, entre outros fatores que, interseccionados, configuram o sentido da formação profissional para estudantes de uma universidade do norte do estado do Tocantins. Os dados analisados foram gerados a partir da metodologia da História Oral (THOMPSON, 2006), cujas entrevistas conduzidas focalizaram narrativas sobre estudos, maternidade e trabalho das participantes de uma pesquisa mais ampla sobre suas histórias de vida e formação<sup>1</sup>.

Ao longo deste trabalho, ao focalizarmos os estudos de gênero, buscamos uma compreensão da heterogeneidade das histórias e narrativas de mulheres. Além de ir ao encontro dessa pluralidade de vozes e perspectivas, com vistas a um olhar mais abrangente e crítico sobre as narrativas das participantes, o enfoque no recorte de raça informa mais de perto a configuração étnica da população tocantinense, de forma mais geral, e do próprio alunado da Universidade Federal do Tocantins, mais particularmente.

## 2. Ser estudante-mãe-trabalhadora no Tocantins

O estado do Tocantins conta com 77,4% da população autodeclarada preta ou parda, sendo 21,1% branca e apenas 1,4% amarela ou indígena<sup>2</sup>, o que reflete no perfil racial, bem como socioeconômico do/as estudantes de sua única universidade pública federal. Segundo levantamento do IBGE em 2019, o cenário nacional conta com o inédito percentual de maioria de estudantes pretos/pardos nas universidades públicas (50,3%), representando também 46,6% dos discentes de ensino superior das instituições privadas de educação. De acordo com perfil socioeconômico dos discentes ingressantes da UFT no ano de 2017, a universidade tinha 76% dos alunos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas<sup>3</sup>.

No estudo de Oliveira e Silva (2017), verifica-se, de acordo com os dados obtidos sobre a primeira década de efetivação dessa universidade (na atualidade, a UFT tem 17 anos de funcionamento, embora tenha sido oficialmente criada em outubro de 2000), a existência predominante de estudantes trabalhadores/as, situados na pobreza (até 1,5 salário mínimo de rendimento) ou na extrema pobreza (até meio salário mínimo de renda

---

1. Este trabalho faz parte da tese de doutorado intitulada “Entre estudos, leituras, maternidade e trabalho: análise semiótica de histórias de vida de estudantes da área de Letras da UFT”, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo, do PPGL/UFNT, campus de Araguaína, defendida em 06/2020.

2. Tais dados refletem do relatório do IBGE (2019) sobre as Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil, tendo em vista o acesso ao mercado de trabalho, a inserção no campo da representação política e o nível de escolarização. Notícias regionais dão conta da especificidade de tais dados, segundo as especificidades do estado do Tocantins (Cf.: <https://conexaoto.com.br/2019/11/13/estudo-do-ibge-revela-sub-representacao-da-populacao-preta-ou-parda-na-politica-tocantinense>)

3. O levantamento foi realizado com alunos matriculados por meio do programa Sistema de Seleção Unificada (SISU), do Governo Federal, que era então a principal forma de seleção para cursos de graduação da Universidade Federal do Tocantins (Cf.: <https://ww2.uft.edu.br/component/content/article?id=17668>).

da família). O recorte de classe e raça é importante para situar uma universidade pública no mais jovem estado da Federação, bem como seu impacto na formação da população e na transformação social da região, já que com a combinação desses fatores, sobretudo, se delinea o perfil do corpo discente como, majoritariamente, de baixa renda, somando mais de 83% dos/as estudantes<sup>4</sup>.

Ao citarem seus desafios concernentes à pertença econômica, das dificuldades financeiras, as participantes compartilhavam conosco percepções de classe. Assim, enunciados como “Você sabe como é” demarcavam não apenas a função fática da conversação, mas nos situava, pesquisadora e participantes, como parte do conjunto de sujeitas<sup>5</sup> que compartilhavam experiências em comum de classe e/ou gênero.

Nessa direção, no âmbito desta pesquisa, quando selecionamos as estudantes-mães, trabalhadoras na produção e/ou reprodução, assalariadas ou não, tal cenário da conjuntura social se faz presente e observável nas histórias de vida, ainda que não salientado nas narrativas das participantes. Uma espécie história coletiva, comum à maioria das trajetórias de estudantes, poucas vezes ganhou destaque nas falas durante as entrevistas, sendo salientadas as especificidades ou aquilo que as participantes selecionavam como diferente ou marcante na vida vivida. Ao referir a esse imaginário ou discurso coletivo das mães trabalhadoras, a entrevistada Simone<sup>6</sup> particulariza e dá camadas específicas, subjetivas, à história comum da vivência de migrantes e de classe trabalhadora:

“A minha mãe trabalhava muito, sendo professora, trabalhava em 3 escolas. Aquela velha história: o pai no mundo, né, mas quem trazia o feijão com arroz era a mãe. E aí a minha mãe sempre dizia “Olha, eu estou estudando para tentar dar uma vida melhor para vocês. A mãe não tem condição nem de comprar roupa e nem ter ninguém [para cuidar das crianças]”. [...] Então, nós saímos de [nome do município censurado], Goiás, e viemos para o Tocantins, em 89, 90. Quer dizer, o ano que tava criando o estado, né. Projetava-se no Goiás que aqui era um lugar, né, onde você poderia ter crescimento. É aquela coisa, né. Então, foi por isso que o meu pai decidiu vir para cá. Mas depois que ele veio as coisas desandaram, entendeu, literalmente. [...] Então, a gente sempre cresceu assim, né, dessa maneira, tendo consciência dos atos e as responsabilidades. Então, com 8 anos eu já cozinhava, o meu irmão também. A gente se virava. Se comia o arroz cru ou não, eu nem sei (risos). Mas a gente fazia, porque só tinha a gente. Não tinha como. A minha mãe falou “Eu não vou ocupar vizinho”, né. Quem pariu os Mateus que balance, né. Então, os Mateusinhos eram eu e meu irmão”. (Simone)

---

4. Tal percentual foi apontado pelo levantamento feito pela Associação Nacional das Instituições de Ensino Superior (Andifes), que verificou a região Norte como a que conta com o maior recorte de estudantes de baixa renda nas universidades públicas (81,9%), sendo a UFT uma das instituições com o maior percentual de discente com essa característica socioeconômica. (Cf.: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/oito-em-cada-dez-estudantes-da-uft-s%C3%A3o-de-baixa-renda-1.1805345>; <https://gazetadocerrado.com.br/16-anos-de-uft-oito-em-cada-10-estudantes-sao-de-baixa-renda/>)

5. Ao longo do trabalho, optamos pelo registro no feminino, por considerar que todas as participantes da pesquisa são mulheres.

6. Todos os nomes são fictícios, para a proteção da identidade das participantes.

A narrativa de Simone é uma das que destaca o papel da mãe como sujeita mais escolarizada na família e mantenedora do lar, que garante a escolarização dos filhos, tematizando o ensino como ascensão econômica e social, capaz de garantir uma trajetória de vida diferente daquela experimentada pelos pais. A participante, nesse sentido, especifica e dá corpo ao que podemos traduzir como “ser filha de mãe solo” e “migrante que chega à terra prometida”, sendo esta uma narrativa fortalecida na ocasião de criação do estado do Tocantins, tendo em vista o chamamento da classe trabalhadora para explorar as terras do antigo norte de Goiás (DEBONI, 2007; RODRIGUES, 2008). Ao evocar “Aquele velha história”, Simone situa sua história de vida no campo do coletivo, que contrapõe a ausência e o abandono da figura paterna à superexploração da mãe e, de certa forma, à vulnerabilidade dos filhos. Assim, quando “as coisas desandaram”, Simone trata justamente da ruptura com o projeto da família, com pai e mãe presentes, bem como da fratura com a promessa da ascensão econômica, já que passaria a experimentar ainda mais a vulnerabilidade social como consequência da mudança geográfica e da conjugalidade parental, dando destaque não apenas para a separação de seus pais, mas à mudança de comportamento do pai nesse novo cenário.

Nessa direção, a participante situa sua experiência de escolarização combinada e consequente das escolhas de seus familiares, enunciando uma responsabilidade assumida ainda na infância como efeito das escolhas paternas. Ao evocar o provérbio “Quem pariu Mateus que balance”, de sujeito indeterminado, tendo em vista o uso do pronome indefinido “Quem”, em uma terceira pessoa objetiva, impessoal e não identificável, a participante interpreta as ações da mãe nesse campo da coletividade, no qual mulheres com filhos assumem solitariamente a responsabilidade pelo cuidado, ainda que os colocando em posição de vulnerabilidade (“Então, assim, eu e meu irmão, a gente ficava em casa, nós passávamos a ficar em casa sozinhos. Eu tinha 4 anos e meio e meu irmão com 3 anos e meio. É crime? Hoje é crime, né. É abandono material. Mas na época a minha mãe não tinha condição” (Simone)). No entanto, essa indeterminação do *alguém*, vivendo um *então* no *alhores*, é ressignificada por uma enunciação subjetiva, que ganha especificidade de sujeito, tempo e pessoa: “os Mateusinhos eram eu e meu irmão”, que viviam no norte do Tocantins, nos anos 1990, cuja mãe assumira solitariamente o cuidado com os filhos.

A educação para a mãe que continua a estudar enquanto trabalha (“Olha, eu estou estudando para tentar dar uma vida melhor para vocês”) e para os filhos é tematizada como promessa, como esperança de melhoria de vida. Nos apontamentos de Menezes et al. (2012) sobre o conflito vivenciado pelas estudantes-mães-trabalhadoras em relação ao estudo e cuidado com os filhos, as mulheres expressam estresse e tensão pelo acúmulo de papéis a serem desempenhados solitariamente, destacando-se, sobretudo, o sentimento de culpa por pontuais “abandonos” dos filhos em função do trabalho ou do estudo. O tema do abandono, nesse sentido, vai marcando a narrativa das participantes, tanto para elas próprias quanto para suas mães, principalmente daquelas que vivenciaram a formação educacional para entrada no mercado de trabalho. O sentido de abandono, nesse contexto, ganha contornos sociais e econômicos bastante precisos, porque indicam uma mãe exclusivamente responsável pelo cuidado com os filhos, sem uma rede de apoio (da família, do Estado e/ou da comunidade), que, na gestão do tempo, opta por deixar sozinhos os filhos em um ambiente e horário que considera seguros. A fala de Simone, no excerto selecionado, vai ao encontro desse arranjo,

quando menciona uma maturidade precoce decorrente do cuidado que as então crianças deviam promover para si próprias, em vez de serem protegidas e cuidadas por adultos.

Essa configuração do cenário de estudo da trabalhadora que também é mãe parece definir, geração após geração, a trajetória das mulheres que atuam no campo produtivo e reprodutivo. Ainda que o acesso à educação profissional esteja ampliado, vemos na narrativa das participantes, principalmente para aquelas que tiveram mães com experiência de escolarização e profissionalização, a reiteração dos conflitos pessoais entre maternidade e estudo, mesmo quando contam com arranjos familiares distintos.

Além disso, as diferenças geracionais referentes ao acesso à educação formal são relevantes quando adicionadas a outros fatores socioeconômicos. Ao tratar de um antes, da família, ao agora, da geração mais jovem a chegar à idade adulta, Mary entrecruza o fator raça e classe à escolarização e localização geográfica de origem:

“Eu nasci na divisa do Brasil com a Bolívia. A minha família lá na divisa é bem pobrezinha, é beeeem, assim, que não tem estudo de nada. Aí, agora que os netos, as pessoas da minha faixa-etária que começaram a modificar a família. A minha prima formou em Medicina, lá na Bolívia, e a outra formou em Direito, e a outra está formando em Letras. A minha família é mais ou menos metade índio, metade boliviano e metade africano”. (Mary)

Classe social e escolarização aparecem interseccionadas nos discursos das sujeitas da classe trabalhadora, pois justificaria ou explicaria uma história de vida ainda mais marcada pela precariedade e falta de acesso aos bens culturais e materiais. Para Mary, a distância de sua origem é marcada pelo advérbio “lá”, associado tanto à classe econômica quanto ao nível de escolarização, além de referir também o espaço geográfico. Nesse sentido, estar “na divisa do Brasil com a Bolívia”, ser “metade índio, metade boliviano e metade africano” e “não ter estudo de nada” configuram as isotopias da pobreza (“bem pobrezinhos”). Focalizando o centro *versus* a periferia, no discurso colonial tanto no Brasil quanto em outros países, Nolasco (2013) aponta como a fronteira (divisa, na narrativa de Mary) vai sendo configurada como o outro, excluída do debate geopolítico, o que gera vulnerabilidades socioeconômicas para os povos que ali se situam.

Ao tratar da mudança econômica a partir das gerações, Mary expressa o rearranjo social favorecido pelo acesso à educação e à formação profissional (“as pessoas da minha faixa-etária que começaram a modificar a família”). Nesse sentido, como veremos adiante, a escolarização vai sendo tematizada como mudança socioeconômica, promessa de ascensão social, conquista profissional e intelectual para cada estudante, mas também para sua comunidade (filhos, família, cidade etc.).

### **3. Tematização e figurativização da formação escolar: “eu optei estudar pro futuro dele. Não é nem por mim mais. É por ele” (Helena)**

Para textos memorialísticos, há, correntemente, a elaboração discursiva de modo a expressar efeitos de verdade para aquilo que é narrado, convocando imagens do mundo

concreto para o dizer. No título desta seção, recortamos um trecho da narrativa de Helena ao significar a sua entrada na universidade quando o filho ainda era bebê, deixando-o aos cuidados dos avós em um município distante enquanto dedicava-se à vida acadêmica, na cidade de Araguaína. O estudo como oportunidade de melhoria de vida, nos aspectos econômicos e sociais, e promessa de um devir mais vantajoso, financeiro e intelectualmente, é tematizado por todas as participantes deste trabalho, o que vai sinalizando também o caráter coletivo e comunitário dos efeitos e das consequências da educação e profissionalização das mulheres.

Ao se voltar para a análise dos elementos mais concretos dos objetos semióticos, a teoria semiótica, em seu modelo *standard*, elege o nível discursivo como aquele voltado para a superfície do texto, observando em sua sintaxe a enunciação, com as projeções de pessoa, tempo e espaço, com foco nas emblemas e deblemas actanciais, temporais e espaciais nos enunciados, enquanto na semântica analisa os temas e as figuras. Para este trabalho, selecionamos precisamente as categorias da semântica do nível discursivo, focalizando a figurativização e a tematização nas narrativas das participantes, com vistas à análise sobre a escolarização para as sujeitas aqui privilegiadas.

Ao tratar da ideologia no campo da linguagem, Fiorin (1988, p. 19) observa que, no campo discursivo, “o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social”. Nessa perspectiva, ao voltarmos o olhar para a história das mulheres, seu processo de escolarização e de entrada no mercado de trabalho remunerado, investigamos os elementos narrativos que compõem e significam as memórias construídas, sobretudo no que diz respeito ao acesso à educação formal. Se nos níveis fundamental e narrativo são operados mecanismos de análise que se voltam para “os percursos narrativos abstratos”, no nível discursivo a concretude da camada textual, no seu nível mais superficial, investigam-se precisamente, pelos temas e figuras na construção dos textos, os “efeitos de verdade e de realidade do discurso” (TEIXEIRA, 1996, p. 179).

Dessa forma, a categoria da tematização diz respeito à formulação de “valores de modo abstrato”, sendo organizados em percursos temáticos (BARROS, 2008, p. 68) nos objetos semióticos. No *corpus* da nossa pesquisa, há a recorrência dos temas da dificuldade, da persistência e da solidariedade nos discursos das participantes ao tratarem dos cuidados com a casa e com os filhos, dos entraves financeiros e barreiras produzidas pelo patriarcalismo que excluem (ou que operam para excluir) a mulher de algumas dinâmicas do espaço público, além das parcerias com familiares, amigos e professores, tendo em vista seu processo de formação profissional enquanto estudantes-mães-trabalhadoras. No excerto abaixo, Judith põe em perspectiva sua trajetória de formação, expressando valores sobre o vivido:

“Eles [alunos] ficaram fazendo a atividade e eu saí para respirar um pouco e fiquei na sacada lá, né. Assim, veio uma sensação de orgulho de mim, sabe? E, aí, eu fiquei sentindo aquilo e quase sorri. Mas, aí... mas eu estava tão cansada [risos] que eu guardei aqui dentro, sabe? Eu entrei para a sala com a sensação de... “Você tinha muitas coisas para pensar e você conseguiu conciliar”. É quase uma super vitória, para você conseguir

conciliar tudo. E, aí, eu pensei “Não, eu sou daqui de Araguaína. O meu currículo é chocho, porque eu não tive tempo de preencher ele, porque eu deixei, né, o meu cotidiano com a [nome da filha censurado]. Mas, mesmo assim, olha só. Eu fiz a minha graduação, fiz a especialização, fiz o mestrado e hoje eu estou dando aula aqui, onde eu estudei!”. Para mim, isso é muito, muito significativo. Muito! E, aí, eu me senti orgulhosa, assim. Eu acho que eu faria tudo de novo, escolheria o mesmo curso, né, por ter esse sentimento de orgulho mesmo, do curso e de tudo”. (Judith)

No momento da entrevista, a participante Judith compunha temporariamente o quadro de docentes da UFT, enquanto professora substituta, conjuntura que é mencionada na fala. O tema da superação, tendo em vista as condições com as quais lida para cumprir o trajeto da qualificação como docente, é expressado pelo percurso narrativo delineado: conciliar estudos, cuidados com a filha, trabalho reprodutivo e produtivo, que repercutem no currículo construído. Além disso, conforme é reiterada pelos substantivos “orgulho” e “(quase uma) super vitória”, a experiência vivida é tematizada positivamente como superação e conquista, pois é constituída por elementos que denotam barreiras para a trajetória narrada: ser de Araguaína, ter um currículo com poucas informações de experiências ou publicações, ter estudado na mesma universidade onde atua.

A figura do “currículo chocho” tematiza, na narrativa de Judith, a pouca diversidade de atuação no universo acadêmico, tendo em vista a docência no ensino superior. Na discussão de Prates e Gonçalves (2019) sobre a formação das estudantes-mães da área de pedagogia, ressalta-se justamente essa aparente escolha pela interrupção ou diminuição do ritmo de estudos em função dos cuidados com os filhos pequenos, o que pode resultar em um currículo menos competitivo e diversificado para o mercado de trabalho. Nessa direção, a narrativa de Judith privilegia precisamente tal aspecto de sua trajetória como mãe e trabalhadora, que se sobrepôs ao percurso do estudo, mas, ainda assim, não inviabilizou por completo o seu investimento em uma carreira profissional e intelectual.

Além do tema, as figuras da semântica discursiva se voltam para a concretude dos recursos textuais, analisando os elementos do mundo material que compõem e constroem sentidos para o texto. Falar em tematização e figurativização, no entanto, não significa tratar de mecanismos de análise distantes e não complementares. Pelo contrário, se nem todo texto temático, mais abstrato, recorre às figuras, todo texto figurativo tematiza conceitualizações de seu enunciador, porque o primeiro simula o mundo, enquanto o segundo o explica (FIORIN, 2008). É na predominância de elementos abstratos ou concretos que se vai determinar um texto temático ou figurativo. Nas narrativas de caráter memorialístico, ao recobrar o passado e refletir sobre ele, ora terá o discurso composto majoritariamente por figuras, para recriar o mundo, ora por temas, para refleti-lo. Segundo Fiorin (2008, p. 91), as figuras são “todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural”, criando um efeito de realidade, porque a simula.

No campo dos estudos, Alexandra seleciona figuras do universo da escolarização, da aprendizagem, para abordar o conflito marital em torno da vida acadêmica da participante:

“Meu esposo, uma vez, ele chegou a cometer uma sandice de jogar meu caderno fora. Ele disse... uma vez ele falou pra mim, quando estava assim meio alegre, tomou uma [bebida alcoólica]... Ele disse que se arrepende até hoje daquela cena. Eu disse “Pois foi aquele caderno que você jogou no lixo, que eu tive que passar a limpo, que fez eu estar aqui hoje. Foi aquele caderno que você jogou no lixo”. Porque ele abriu, amassou as folhas e jogou fora. E disse “Ou eu ou a escola”. E eu abracei o meu caderno lá no cesto de lixo e não respondi nada. Aí, ele foi embora. Tivemos uma separação... [...] Um arquirrival! Os meus cadernos são arquirrivais do meu esposo. Até hoje ele tem ciúmes dos meus cadernos [risos]. E ele não queria que eu estudasse. Então, naquela ação dele, eu acho que ele “Não, agora ela vai me obedecer”. (Alexandra)

O conflito ou o rompimento de um relacionamento conjugal justificado pela persistência da mulher em conquistar a formação escolar e uma carreira de trabalho foi tematizado por outras entrevistadas da pesquisa, sendo sempre associado à performance da mulher no seu papel temático de mãe, esposa e dona de casa. Segundo algumas participantes, a vida acadêmica foi vista como entrave para a dedicação ao lar ou ao relacionamento, de acordo com a posição de seus companheiros (ou ex-companheiro), sendo classificada como uma vaidade desnecessária dessas mulheres.

Para Alexandra, a relação entre estudos e autonomia, no âmbito do casamento, está intrinsecamente estabelecida, porque, segundo relata, já observara na relação de seus pais a capacidade de resistência da mãe aos (des)mandos paternos em função de ser escolarizada e ter uma profissão. As figuras “caderno” (jogado no lixo) e “folhas” (amassadas) constituem as isotopias do estudo, tematizando a escolarização da jovem esposa. Ao classificar como “arquirrival” do marido, Alexandra evoca a figura do caderno para contrapor o comportamento de estudante, menos submisso, ao da esposa tradicional, que estaria sob o jugo do companheiro (“Então, naquela ação dele, eu acho que ele ‘Não, agora ela vai me obedecer’”). O conflito (“cometer a sandice”) instaura-se precisamente por esse contraponto entre a escolarização e o casamento, já que aquela implicaria a mulher fora do lar, ocupando o espaço da intelectualidade e do mercado de trabalho, enquanto o matrimônio reteria a mulher ao espaço doméstico, colocando-a à disposição exclusiva do marido patriarca. Para a participante, a figura “caderno” configura o ponto de conflito e, posteriormente, a reconciliação com o cônjuge, uma vez que o casamento somente seria retomado após relativa harmonia entre “o marido e os cadernos”.

Nesse trecho, pelo uso das figuras que tematizam o estudo, Alexandra recria a cena da resistência à opressão quanto à formação intelectual (jogar o caderno fora, no lixo), quando narra o “abraçar o caderno no cesto de lixo” e, posteriormente, o “passar a limpo”. O “lixo” ou “cesto de lixo” figurativizam esse processo da opressão patriarcal, que anula, aniquila, “joga fora”, dispensa no lugar daquilo que é considerado sem valor, no âmbito das ambições femininas concernentes à vida estudantil. Ao asseverar que a cena conflituosa contribuiu para o seu desejo de permanência na carreira intelectual (“Pois foi aquele caderno que você jogou no lixo, que eu tive que passar a limpo, que fez eu estar aqui hoje. Foi aquele caderno que você jogou no lixo”), a participante trata dos efeitos duradouros da disputa conjugal sobre a vida vivida que se desenrola a partir de então.

Na análise de temas e figuras nos discursos das participantes, a dificuldade e o conflito parecem configurar também a persistência e a resistência na história de vida e formação dessas estudantes-mães-trabalhadoras. Os fatores de classe, raça, lugar de origem etc. também somam aos desafios que se lançam sobre essas mulheres, que parecem buscar a formação profissional não apenas como uma forma de viabilizar a entrada no mercado de trabalho, mas também, e com similar importância, configura uma relativa independência, sobretudo se relacionada aos modos de resistências às opressões patriarcais.

Vale destacar, porém, que educação e trabalho remunerado configuram para muitas profissões, ao longo da história (e que se mantém na atualidade), um recorte de gênero, já que algumas práticas laborais foram associadas ao serviço de cuidado, como a docência ou as profissões do campo da saúde de áreas específicas, com implicações nos (desiguais) ordenados de tais carreiras. Nessa direção, ao tematizar a formação e atuação profissional na área da enfermagem como “sonho”, Mônica expressa as tensões entre um tipo específico de labor e o valor da domesticidade:

“Acabou... eu acabei me acomodando, é, deixando de estudar, deixando de me focar naquilo que eu queria também, que era Enfermagem... Tanto é que eu concluí meu curso, como eu trabalhava... eu trabalhava com vendas, né, com comércio, eu e meu ex-marido. Então, assim, eu não... eu segui os passos do meu marido, do meu ex-marido, no caso. Eu não fiz aquilo que eu tinha vontade. O quê que eu queria? Eu queria fazer Enfermagem e eu queria trabalhar na área de Enfermagem. Tanto que eu só comecei a trabalhar na área de Enfermagem depois que a gente se separou, né. Então, assim, ele nunca aceitou o fato, é... aceitar que eu trabalhasse na Enfermagem. Tanto que ele tinha um dizer que “Não, que, ah, quer ser puta, não precisa fazer curso”, não sei o quê. Os homens, a maioria tem esse, a maioria tem esse, essa... essa percepção aí que a mulher que trabalha na área da Enfermagem ela vai, é, transar com médico, ela vai não sei o quê... Muitos deles não aceitam e meu marido era assim”. (Mônica)

Na narrativa da participante, a voz sobre a história de vida parece traduzir um percurso vivido pela sujeita que fora acatado, o que sinalizaria um certo voluntarismo na decisão de seguir o percurso profissional de seu companheiro. Nesse sentido, a enunciação do vivido traz esse emaranhado de vozes, entre o Eu que narra (“eu acabei me acomodando”) e o Outro (“ele nunca aceitou”) que tantas vezes interditou e definiu os rumos da vida profissional e acadêmica. Ainda que estejam costurados aspectos históricos, sociais, econômicos, raciais etc. que informam e ajudam a jogar luz sobre nossas análises em relação às histórias de vida dessas mulheres, observamos a manutenção da enunciação em primeira pessoa nas narrativas de todas as estudantes-mães-trabalhadoras, indicando uma sujeita que faz, realiza, toma decisões, mesmo que sinalize uma subjugação a um sistema de valores que a oprime. Nessa direção, não é apenas destinatária, aquela que realiza, que performa, sob a orientação de um destinador, que também julga o fazer do outro. Trata-se, também, de uma sujeita que, além de aceitar o contrato fiduciário de valores patriarcais negociados com seus companheiros, redefine ou atualiza alguns valores sociais que lhe

parecem desvantajosos, entrando em conflito com outros atores, em muitos momentos, o que pode resultar em dissolução do matrimônio, como foi relatado por Mônica.

Na história de formação de Mônica, o (ex-)marido está combinado ao percurso da interdição aos estudos, ou melhor, da carreira profissional desejada que, no caso, seria na área da enfermagem. Segundo relata, o investimento num curso técnico em enfermagem chega no aparente acaso, já que, conforme é corrente no discurso de todas as entrevistadas que passaram um longo período de anos afastadas de uma educação formal, a aprovação no processo seletivo seria fruto da mera “sorte”. Um resultado inusitado em um exame para seleção a vagas em sistema público de educação de nível técnico (e, para muitas, superior) sinalizaria uma pretensa força ou capacidade de reagir aos (des)mandos de um companheiro que determina o rumo profissional e intelectual a ser assumido pela mulher trabalhadora-mãe (e estudante).

Embora revele o desejo por seguir uma carreira profissional majoritariamente assumida por mulheres, Mônica lida com preconceito de seu marido, que, assim como é corrente o julgamento sobre mulheres que confrontam as determinações patriarcais, a classifica como “puta”. De um lado, dessa forma, está a figura da esposa, em pareceria com seu companheiro, “ajudando” nos negócios do casal, enquanto do outro, no oposto, está a figura da “puta”, a sujeita que persegue uma carreira segundo suas afinidades, exercendo a profissão num espaço que não seja o próprio lar ou uma extensão deste. No caso do excerto acima trazido, a “puta” está, mais de perto, associada à performance sexual da mulher, ainda que se trate de um contexto de trabalho e de carreira profissional, pois num cenário em que atuam profissionais diversos de saúde, independentemente do sexo ou sexualidade, a coexistência de homens e mulheres só poderia resultar em relações sexuais entre ambos, sendo que tal mentalidade associa a subordinação e submissão do feminino ao masculino. Nesse caso, a ambicionada carreira profissional de enfermagem, que só pode ser seguida após formação educacional na área, é compreendida como meramente o desejo de ocupar um espaço fora do lar, isto é, o desejo de “ser puta” (“Não, que, ah, quer ser puta, não precisa fazer curso”), conforme destaca a participante ao relatar a reação de seu ex-marido.

O empenho na formação profissional também é destacado por outras participantes como ponto de conflito em suas relações conjugais. Para Mary, que relatara recente rompimento no casamento em razão, sobretudo, das intervenções do ex-marido nas suas performances enquanto estudante, estar com um companheiro oferecia-lhe mais obstáculos do que ficar solteira, cuidando dos filhos sem a presença e parceria do pai:

“Eu sentia que o meu ex-marido, ele me atrapalhava muito no estudo.[...] Tipo assim, eu estava na faculdade e ele ficava aqui me vigiando. Tipo assim, muitas vezes eu podia muito bem fazer algumas disci[plina]... tipo assim, fazia uma de manhã e uma à noite, né. Mas não. Eu não podia. Ele fazia de tudo para prejudicar, para não ficar com nenhum filho em nenhum momento, pra mim *não poder terminar a faculdade. Ele, tipo assim, ele era minha pedra que me puxava para baixo. Mesmo eu passando sem carro, sem casa, pagando aluguel sem serviço, dependendo da ajuda da família para mim poder continuar a faculdade, prefiro muito mais essa vida agora. Porque agora... agora eu não tenho mais aquela pressão da*

facu[ldade]... Porque eu me sentia uma pessoa infeliz. Tipo assim, eu queria estudar e não podia. Era uma culpa que eu tinha dentro de mim. Tinha que fazer comida, tinha que fazer bolo, tinha que fazer tanta coisa. Ele queria ter uma empregada dentro de casa”. (Mary)

No momento da realização da entrevista, a participante Mary relatara estar desempregada em função da exigência do emprego (no setor público) de dedicação exclusiva, em regime de 40 horas. Embora tivesse filhos pequenos, com idades entre 4 e 6 anos, a rejeição ao cargo público temporário de professora (que até então exercia em regime de 20 horas semanais) é justificada pelo conflito com a vida acadêmica, uma vez que a dedicação estudantil exigida em razão da escrita de TCC e da realização de estágios supervisionados seria incompatível com um trabalho de jornada integral. Dessa forma, a participante vai mostrando a relevância de sua formação acadêmica, que também está relacionada ao gosto pelo saber, à oportunidade de conquistar empregos mais estáveis e melhor remunerados (Mary menciona recorrentemente a busca por aprovação em concurso público), sendo que, para essa estudante-mãe-trabalhadora, tais fatores estão intrinsecamente relacionados à sua performance enquanto mãe, no sentido de garantir melhores condições socioeconômicas para os filhos.

Nesse cenário, o tema da dificuldade constitui-se pelo marido que atrapalha, vigia e não cuida dos filhos enquanto a mulher estuda, pela vulnerabilidade financeira, o que se traduz, na fala de Mary, em sentimento de infelicidade. A figura da “pedra” como obstáculo aparece na narrativa das participantes, sinalizando fatores que seriam impeditivos para suas participações no campo do trabalho ou estudo. Pedra, nessa conjuntura, figurativiza os desafios impostos pelo cônjuge, que assume valores patriarcais e sexistas no comportamento com sua esposa, impelindo-a ao abandono da vida acadêmica (“ele era minha pedra que me puxava para baixo”). A figurativização da vulnerabilidade (“sem carro, sem casa, pagando aluguel sem serviço, dependendo da ajuda da família”) e da opressão (“Tinha que fazer comida, tinha que fazer bolo, tinha que fazer tanta coisa. Ele queria ter uma empregada dentro de casa”) recorre aos semas do ambiente doméstico, do espaço privado, do lar, que se contrapõe ao exterior, ao espaço público, da universidade.

O tema da “culpa” é evocado precisamente na performance do papel temático da esposa, reivindicado pelo marido, que estaria em conflito com a vivência da estudante. A rejeição e a resistência a esse papel configuram-se pela ressignificação das demandas impostas: o marido não queria uma esposa, mas uma empregada. Além disso, a figurativização da mulher como empregada, aquela que faz o serviço de cuidado e o trabalho doméstico, concretiza a memória da relação como opressora, porque então a esposa era instrumentalizada para a realização do trabalho gratuito de reprodução (FEDERICI, 2021). Se a dissolução do matrimônio repercutiu em maior vulnerabilidade econômica, por um lado, é também tematizada, por outro lado, como alívio (sem a culpa e a pressão; “prefiro muito mais essa vida de agora”), porque implicou menos obstáculos para a formação profissional.

Com visíveis alterações no perfil da “dona de casa”, até porque aqui tratamos da classe trabalhadora situada na região Norte, e não mais da burguesia de centros urbanos que responde a esse ideal feminino no espaço doméstico, observamos que as participantes desempregadas ou ainda não incluídas no mercado de trabalho remunerado tematizam, em

suas narrativas sobre as histórias de vida e formação, a educação como conquista para seu núcleo familiar e oportunidade socioeconômica, através da construção de uma carreira, tendo valor eufórico. Para aquelas com emprego formal, o percurso na vida acadêmica é tematizado como promessa de ascensão na carreira, tanto do trabalho quando da própria formação intelectual, conforme narra Bell:

“eu levava a faculdade, o curso com não tão importância. Não levava com importância. Agora, eu levo com importância altíssima. Nossa senhora, eu acho que a faculdade é uma das minhas maiores prioridades agora, porque eu sei que eu tenho filho e ele depende de mim, né. Então, ele vai depender de mim. Então, se eu não formar, se eu não estiver formada, se eu não tiver uma boa formação, não tem como eu ser uma profissional boa, não tem como eu subir de cargo, não tem como eu fazer um pós-doutorado, um mestrado, né... uma pós-graduação, quer dizer, um mestrado, um doutorado. Não tem como eu fazer isso se eu não for boa, se eu não estudar, se eu não fizer isso. Então, não vai ter como eu dar uma vida boa para ele se eu não tiver”. (Bell)

Para Bell, a maternidade reconfigurou a sua relação com a vida acadêmica. Ao tratar de um antes e depois (de ser mãe), a participante reflete que o seu melhor desempenho no início do curso de licenciatura, em termos de aprendizagem, não estava alinhado a um engajamento quanto à sua formação profissional, o que muda com a chegada do filho. Tematizado como prioridade, foco das atenções, o curso de Letras tem significado para a participante tanto no seu exercício de maternidade, pelo aspecto financeiro (“eu sei que eu tenho filho e ele depende de mim”), quanto na performance enquanto estudante (“uma pós-graduação, quer dizer, um mestrado, um doutorado. Não tem como eu fazer isso se eu não for boa, se eu não estudar, se eu não fizer isso”), já que formação acadêmica e posição no mercado de trabalho estão intrinsecamente relacionadas. Se estudar não garante ascensão na carreira no serviço remunerado, sem empenho acadêmico, porém, a ambição por melhorias salariais e postos de trabalho seria inviável.

Ainda que reflitam sobre seus papéis enquanto mães, estudantes e trabalhadoras, as participantes vão narrando o entrelaçamento das demandas advindas desses três âmbitos de atuação social aparentemente distintos, uma vez que essas sujeitas se definem como estudantes-mães-trabalhadoras no espaço do lar, do serviço remunerado e da escolarização. Na fala de Bell, observamos aquilo que Federici (2019b) defende como o papel das mulheres nos campos de reprodução social, o que garante também a sustentação do tecido comunitário, pois para a participante o alcance da formação profissional se estende ao modo como exerce o serviço de cuidado com seu filho e à maneira como atua no próprio espaço familiar e doméstico. Este, por sua vez, seria fortalecido, mais protegido, em decorrência das aprendizagens intelectuais e da atuação no mercado de trabalho.

Ao se posicionarem nos espaços públicos, no ambiente acadêmico e no mercado de trabalho, observamos que as estudantes-mães-trabalhadoras continuam ocupadas em garantir o serviço de cuidado com as crianças, prover e organizar o lar, ainda que deleguem tais atividades para outras pessoas de sua comunidade familiar. Essa espécie de gestão do cuidado, porém, carrega consigo uma série de conflitos, nos diferentes campos

de atuação, que a mulher gerencia e resiste, tendo em vista sua permanência no espaço público e privado. Entre as participantes com filhos pequenos que eventualmente precisaram carregá-los consigo para a sala de aula da universidade, houve a recorrência dos relatos que tratam desse conflito com os agentes das instituições de ensino, sejam professores ou técnicos-administrativos. Segundo Bell, o papel temático da mãe opera nas interrelações no ambiente acadêmico, de forma a excluí-la:

“Eu acho que até por professores [há discriminação]. É como se fosse mãe, se você é mãe, você não... “Ah, não pode. Ah, não pode fazer isso não, porque vai que ela precisa olhar o filho e não pode”. [...] “Ah, vamos fazer um trabalho. Vamos contar com a Bell para ela pode vir ajudar a gente em certo trabalho. Ah, mas ela tem o filho, aí o filho atrapalha”. Já ouvi da boca de professora, do professor falar que não gosta de aluno que tem filho. [...] Que não gosta de aluno que tem filho, que mãe, aluna... mãe não dá certo para fazer certas coisas, porque o filho atrapalha. [...] E falando mesmo, assim, para mim escutar também, né”. (Bell)

A maternidade foi tematizada como força e resistência, pois teria contribuído para a ressignificação da própria vida e da relação com a formação profissional das participantes. Porém, há a prevalência também do tema da dificuldade, em termos de conciliação da demanda de trabalho e estudo, do cansaço, entre outros fatores que vão evidenciando um distanciamento da romantização da maternidade, na qual o papel temático da mãe está circunscrito no campo do serviço de reprodução social, sendo fonte de satisfação para essas sujeitas. Nesse sentido, no recorte da narrativa de Bell, quando aponta para falas que considera discriminatórias por parte de docentes e discentes, a participante não escamoteia os desafios para a dedicação aos estudos quando necessita também de cuidar de uma criança pequena. Há, aí, o olhar para a redução da mulher ao papel da mãe, que seria incompatível com o papel temático de estudante. Bell narra precisamente o preconceito, a discriminação, a exclusão, que estão associados à maternidade: se é mãe, não pode se dedicar a atividades fora do lar, excluindo-a previamente de tais dinâmicas; se é mãe, não consegue ser dedicada à vida na universidade e à prática de estudo, reduzindo-a à posição de incompetente ou impotente para o universo acadêmico (“mãe não dá certo para fazer certas coisas, porque o filho atrapalha”).

#### **4. Considerações Finais**

Neste trabalho, a partir da análise de temas e figuras das narrativas de estudantes que também são mães e trabalhadoras, tendo em vista suas histórias de vida e formação, debruçamo-nos sobre o cenário de educação formal profissional, de nível superior, para observamos como a inscrição de mulheres nesses espaços é atravessada por questões sociais, históricas, econômicas, entre outros fatores. Dentre os temas que emergem nos discursos das estudantes, ressaltam-se os da dificuldade e da persistência, o que pode refletir as dinâmicas complexas, tanto no espaço público quanto no privado, de participação social das mulheres em suas vivências de estudo, maternidade e trabalho.

No entanto, vale destacar que a universidade vai se movimentando em direção às demandas várias de seu diversificado alunado, bem como de seu quadro de funcionários, porque se configura pela heterogeneidade, diversidade e acolhimento. Porém, a academia não é um espaço neutro de convenções patriarcais e sexistas, podendo, ainda que pontualmente, incorrer em episódios de exclusão.

## 5. Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

DEBONI, Mirian Aparecida. **O papel das Academias de Letras na formação e caracterização da atividade literária no Tocantins**. 2007. 135 f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura). Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Pós-Graduação em Letras, Niterói, RJ.

FEDERICI, Sílvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MENEZES, Rafael de Souza et al. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Construção Psicopedagógica**, v. 20, 2012, p. 23-47.

NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

OLIVEIRA, Nilton Marques de; SILVA, Maria José Antunes da. Análise do Perfil Socioeconômicos dos Estudantes da Universidade Federal do Tocantins (UFT). In: FERNANDES, Alcione Marques; LOCATELLI, Cleomar; OLIVEIRA, Nilton Marques de (Orgs.). **A UFT no contexto educacional do Tocantins: diálogos a partir da autoavaliação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017, p. 17-35.

PRATES, Solange Riato; GONÇALVES, Josiane Peres. Educação Superior e Relações de Gênero: Atividades Domiciliares para Mães Estudantes de Pedagogia. **REVISTA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**, v. 5, 2019, p. 1-23.

RODRIGUES, Jean Carlos. **Estado do Tocantins: política e religião na construção do espaço de representação tocantinense**. 148f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, 2008.

TEIXEIRA, Lucia. **As cores do discurso**. Niterói-RJ: EDUFF, 1996.

THOMPSON, Paul. História Oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. In: **História falada: memória, rede e mudança social** / Coordenadores WORCMAN, K; PEREIRA, J. V. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.